

O EU E O OUTRO: Algumas reflexões sobre o
pensamento de Georges Mead e Mikhail Bakhtin

Henrique Codato

Doutorando em Comunicação/UFMG
picega@hotmail.com



ABSTRACT RESUMO ABSTRACT RESUMO ABS

Resumo Este artigo discute o processo migratório transnacional sob a perspectiva do multiculturalismo e imaginários sociais, concentrando-se nas interações e usos da internet pelos migrantes. A partir de resultados de investigações anteriores, proporciona-se um espaço para a discussão de redes sociais, cujo enfoque abrange os recursos de comunicação simultânea Msn, Chat e Skype.

Palavras-chave 1. Redes Sociais online/offline 2. Imaginários sociais 3. Migração transnacional 4. Multiculturalismo 5. Comunicação mediada pela Internet

Abstract This paper discusses the transnational migration process from the perspective of multiculturalism and social imaginary, focusing on interactions and uses of the Internet by migrants. The results of previous research provides a space for discussion of social networks, whose focus includes communications instant messaging (IM) Msn, Chat and Skype.

Keywords 1. Social network online/offline 2. Social imaginary 3. Transnational migration 4. Multiculturalism 5. Internet mediated communication

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo maior colocar em relação os pensamentos de George Mead e Mikhail Bakhtin. É certo que os dois autores pertencem a distintas tradições intelectuais, mas acreditamos ser possível vislumbrar uma relevante convergência nas reflexões de ambos a partir da ênfase dada aos processos de interação na formação do self em relação ao mundo dos sentidos no qual ele está investido, tentando apreender, dessa dinâmica, a construção da alteridade, noção que permeia as contribuições dos dois teóricos no campo dos estudos da Comunicação.

George-Herbert Mead, junto a outros importantes nomes para as Ciências Sociais como John Dewey e Robert Park, inaugura a corrente de pensamento sociológico que nasceu na Universidade de Chicago, no início do século XX, conhecida como "Escola de Chicago". Tal corrente propunha estudar as complexas relações estabelecidas na crescente sociedade americana da época, focando-se, principalmente, nas transformações do meio urbano. Naquele momento, os Estados Unidos recebiam numerosos estrangeiros vindos de todos os cantos do mundo e Chicago, notadamente, transformava-se numa grande metrópole situada ao norte do território, acolhendo também grupos oriundos do sul do país. Essas migrações serviram, posteriormente, como foco de interesse das segunda e terceira Escolas de Chicago, nos idos da década de 1930.

No que diz respeito a Bakhtin, sua carreira é permeada por dificuldades decorrentes de sua posição político-ideológica que, ao se contrapor às regras do regime stalinista vigente na Rússia durante a década de 1920, veio a provocar seu exílio na Sibéria por anos, fazendo com que parte de sua produção só fosse publicada postumamente, em meados da década de 1970. Curiosamente, o mesmo aconteceu com Mead, que teve sua obra reunida e disponibilizada somente após sua morte, em 1931. Apesar disso, a contribuição de Mikhail Bakhtin para os campos da Teoria Literária e da Análise Estética é de inegável relevância.

Não há razões para acreditar que tais autores, apesar de contemporâneos, possam ter dialogado de forma direta acerca de suas teorias e visões de mundo. O que nos parece intrigante, entretanto, é perceber que apesar da distância interposta entre os dois pensadores e dos meios sócio-políticos diferentes em que viveram, tenham desenvolvido, numa perspectiva similar, pensamentos que toma as noções de interação, linguagem e alteridade como balizas norteadoras.

Nossa preocupação inicial é a de entender como tais noções manifestam-se, de forma dialógica (termo cunhado pelo próprio Bakhtin), no trabalho dos dois teóricos. Talvez essa convergência possa ser explicada historicamente a partir de uma tendência à reformulação epistemológica que influenciou tanto os intelectuais russos quanto os pensadores ocidentais do início do século XX, na tentativa de desenvolver novos modelos (ou novas versões de antigos modelos), utilizando como

referencial as ciências ditas humanas. Ao distanciarem-se da hegemonia das ciências naturais, ambos passam a adotar a comunicação e a interação como eixos centrais para suas teorias. Apesar da tese acima apresentada ser apenas uma suposição, nossa intenção não é a de validá-la ou reiterá-la; antes, gostaríamos de tentar entender como é possível estabelecer uma relação intertextual (parafrazeando novamente Bakhtin) entre os discursos desses dois teóricos, elegendo como fio condutor de nossa análise a própria comunicação, seu caráter de troca, de prática, de atividade organizante (QUERÉ, 1991), palco para o aparecimento e para a manifestação do sujeito.

1. MEAD E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Podemos explicar o Interacionismo Simbólico como uma corrente da microssociologia fortemente relacionada à Antropologia e à Psicologia Social. Sua intenção maior é pensar a sociedade a partir da interação entre dois ou mais organismos. Segundo Giddens (1998), esta corrente vem estabelecer um importante diálogo com a Teoria Crítica e com a Mass Communication Research. Foi Herbert Blumer, estudante e intérprete de Mead, o responsável por cunhar o termo "interacionismo simbólico", entendido a partir da premissa de que um ato social é sempre interpretado em relação ao significado que um indivíduo ou um grupo de indivíduos dá a essa ação determinada, significado este, por sua vez, que deriva da própria interação social. Além dos estudos da comunicação, o interacionismo simbólico influenciou também os campos da sociologia das emoções, da criminologia, e dos estudos dos movimentos sociais, o que viria, mais tarde, a se configurar nos Estudos Culturais.

É impossível reduzir o pensamento de Mead ao conceito de Interacionismo Simbólico. Acreditamos, contudo, que sua mais importante contribuição para as Ciências Sociais tenha sido a de conceber uma forma de socialidade humana capaz de tornar-se universal através do exercício de uma racionalidade comunicacional. Como ressalta Queré (1991), Mead antecipa, por assim dizer, o argumento de Jürgen Habermas que afirma que a comunicação humana comporta um potencial de racionalidade não instrumental, suscetível de se materializar nas instituições democráticas sob a forma de discussão e de troca.

As influências do pensamento de Mead repousam no chamado Pragmatismo Norte-americano, notadamente nos trabalhos de Peirce, James e Dewey. Pogrebinschi (2005) aponta três características comuns entre estes pensadores que podem, segundo ele, ser identificadas como componentes do que ele chama de "matriz pragmatista" (POGREBINSCHI, 2005, p. 24): o Antifundacionalismo, o Consequencialismo e o Contextualismo. A linha que os separa é muito tênue, o que lhes confere um caráter de interdependência e de interrelação.

Essas componentes decorrem, para Pogrebinschi, (2005), da própria

aplicação do método pragmatista de análise, influenciado pela teoria da significação desenvolvida por Peirce e pela chamada teoria da verdade defendida por James e Dewey, respectivamente. Contudo, o pragmatismo de Dewey ganharia, como mostra Pogrebinschi, um caráter relevante, ocupando um lugar intermediário entre o pensamento dos dois outros autores: ele não seria "nem objetivista como o de Peirce, nem subjetivista como o de James, mas seria sim um pragmatismo social" (POGREBINSCHI, 2005, p. 61). O pragmatismo de cunho mais social defendido por Dewey sem dúvidas assume um papel preponderante no desenvolvimento do pensamento meadiano a propósito do interacionismo.

Vera França (2008) faz-nos perceber certa inclinação atual dos estudos da comunicação em revisitar o interacionismo simbólico, utilizando-o principalmente no campo da análise da comunicação midiática. A autora ressalta, todavia, que as referências a esta dita corrente ainda são pouco sistemáticas e que, apesar de Mead ser considerado seu "pai fundador", seu nome é muitas vezes esquecido, dando lugar a outros intelectuais ligados à mesma orientação teórica, destacando, entre eles, os escritos de Goffman. Num trabalho de resgate ao pensamento de Mead, França (2008) enumera alguns elementos-chave que contribuem para entender como o autor pensa a comunicação. As noções de gesto e gesto significativo, além dos conceitos de self, espírito e sociedade são extremamente relevantes para Mead e servem de ponto de partida para que, num segundo momento, possamos aproximar seu pensamento ao de Bakhtin.

1.1 GESTOS E GESTOS SIGNIFICATIVOS

O que Mead chama de gesto é a própria inscrição do ato social e poderia ser entendido como a sua circunscrição dentro de uma determinada realidade coletiva. França (2008) explica que o gesto só existe em função de sua vinculação com a ação, sendo entendido como o meio ou o mecanismo que permitiria uma espécie de ajustamento entre as atividades dos organismos que interagem socialmente, aquilo que permite e garante as respostas apropriadas dos diferentes indivíduos engajados num processo de interação:

Qual é o mecanismo de base do processo social? É o gesto, que torna possível as respostas apropriadas dos diferentes organismos individuais engajados nesse processo. Em todo ato social, um ajustamento se produz, por meio dos gestos, entre as ações dos diferentes organismos. Os movimentos gestuais do primeiro organismo agem como estímulos específicos que provocam as respostas socialmente apropriadas do segundo organismo. (MEAD (2006) in França (2008), p.81)

Nesta perspectiva, Mead lança mão do termo gesto significativo, que

seria aquele que guarda, em sua origem, uma ideia ou significação. Para o autor, a comunicação só aconteceria a partir de tais gestos, partes de uma linguagem comum que viria a garantir um sentido compartilhado por todos os indivíduos envolvidos nesse processo. Dessa particularidade das interações, surgiria então uma conversação consciente, corroborando a tese de que uma significação está sempre atrelada à consciência de sua atuação num suposto diálogo. Essa consciência faz com que os indivíduos sejam respectivamente afetados, tornando os gestos estímulos não apenas para aquele que o recebeu, mas também para aquele que o emitiu, o que provocaria respostas nos dois organismos e, consequentemente, uma dupla afetação. Essa afetação mútua aparece, pois, condicionada à manifestação da categoria do Outro, ou, se preferirmos, de uma alteridade.

A noção de sujeito – ou “organismo”, como prefere metaforizar Mead – só pode ser compreendida se observarmos seu caráter relacional. O “eu” só existiria a partir da manifestação do outro que “não sou eu”, da reciprocidade pressuposta pela interação social, manifestando-se, ao mesmo tempo, como condição e instrumento da dinâmica identitária. Tal premissa é, aliás, o que parece fundamentar tanto as idéias de Mead quanto as de Bakhtin.

A significação de um gesto indicaria aquilo ao qual um indivíduo reage, antecipando o conjunto de reações que podem ser suscitadas por ele e permitindo que reações futuras possam ser identificadas antecipadamente. A linguagem inauguraria, dessa maneira, uma forma de temporalidade na ação humana, realizando um triplice movimento na construção do ato social, que envolve (1) a relação do gesto à resposta do outro, (2) o ajustamento recíproco desse segundo organismo e (3) a finalização de tal ato, como defende a teoria do Arco reflexo proposta por Dewey, ao compreender a comunicação como um ato composto de distintas fases que se influenciam.

A ênfase dada por Mead à comunicação e à interação, influenciada pelo pensamento pragmático, é notadamente um esforço a fim de estabelecer uma lógica da ordem social distinta da formulada pelos modelos de utilitarismo sociológico vigentes nesta mesma época (JOAS, 2007). Sua filosofia foge à rigidez processual e busca encontrar soluções não deterministas e qualitativas ao se valer de um modelo relacional como premissa, entendendo o indivíduo a partir de sua condição de ser social.

1.2 ESPÍRITO, SELF E SOCIEDADE

Cefai e Queré (in MEAD, 2006), na introdução francesa da obra póstuma de George Mead, sugerem que a preocupação constante presente no pensamento do autor norte-americano se fixa no “problema do espírito e da consciência do indivíduo em relação ao mundo e à sociedade” (CEFAI e QUERÉ in Mead, 2006, p.08), estendendo a noção de sujeito

para além da dicotomia proposta por Durkheim indivíduo-sociedade. Essa nova ótica de compreensão do indivíduo, ao tomar como base sua capacidade de produzir respostas diferenciadas através de escolhas e seleções, faz da comunicação o meio pelo qual o indivíduo exerce controle sobre o processo de interação (MEAD, 2006, p. 296).

Influenciado pela teoria da linguagem de Wundt, mas transformando-a justamente a partir da importância central que dá à comunicação, Mead propõe que o espírito seja entendido como um produto da interação que se manifesta quando o organismo é capaz de apontar significado(s) aos outros e a si mesmo, adquirindo, portanto, uma capacidade reflexiva, somente possível a partir do esforço de interiorização e de empatia. O espírito emergiria, assim da interação e da comunicação, ou "através de uma conversação de gestos, em um processo ou contexto social" (MEAD, 2006, p.138).

O conceito de self é central no pensamento meadiano e poderia ser explicado como a capacidade que possui o indivíduo de colocar-se no lugar do outro, tornando-se um objeto para si mesmo. É essa capacidade que possibilita o aparecimento de um dito "sujeito dialógico", como veremos na sequência, uma vez aproximados os pensamentos de Mead aos de Bakhtin. Essa relação de empatia, de entendimento a partir da troca de papéis com a alteridade, só acontece por intermédio do compartilhamento de significações. O self tem, obviamente, uma individualidade específica, uma configuração única, à medida que cada indivíduo apreende o processo social sob um ângulo diferente; porém, apesar de suas particularidades, sua elaboração estrutural provém de uma mesma fonte. Sua constituição é organizada pelas atitudes comuns ao grupo, através de suas atividades mais gerais, ou, em outros termos, é o "outrem generalizado que proporciona ao indivíduo a unidade do self" (FRANÇA, 2008, p. 82), convertendo, por conseguinte, o ser humano numa espécie de ator e transformando sua relação com o mundo e com o outro.

Apesar de ser classificado como produto de uma interação sócio-simbólica, o self guardaria também um caráter ativo na relação estabelecida com a alteridade, o que faz com que Mead reconheça nele dois pólos distintos. O primeiro deles, que ele chama de "mim", seria a parte social do self, dada a partir das atitudes do outro que influenciam o sujeito. Já o segundo, o "eu", seria uma resposta frente à estrutura simbólica do "mim", impossível de ser observado ou apreendido de forma direta, podendo talvez ser relacionado ao "self transcendental" de Kant ou ainda ao "Real" lacaniano. Ele apareceria quase como uma figura histórica, conectado à memória e objetivado, na experiência vivida, uma resposta que viria reestruturar a outra parte social do self, o "mim". Mead tenta, desta forma, sustentar sua tese de que a personalidade só poderia estruturar-se a partir de uma situação social, evidenciando a relação do "eu" e do "mim" e trazendo à discussão os aspectos tensionais e dinâmicos dessa relação. Esses dois pólos e sua dinâmica relacional

são de extrema importância para pensarmos a noção bakhtiniana de dialogismo, por exemplo, em que "duas ou mais vozes" disputam um único ato de locução.

Assim, o que Mead chama de ato social poderia ser compreendido como essa ação compartilhada, a interação e a adaptação mútua dos organismos que dela participam a partir da troca de significações. "É a organização produzida pela linguagem e a emergência do self que permitiram o desenvolvimento da sociedade humana", afirma França (2008, p. 82). Apreendida em sua totalidade, a comunicação só existe neste todo, nesta globalidade, não podendo ser tratada fora do ato, o que ressalta o viés pragmático do pensamento de Mead.

As noções aqui apresentadas acerca do Interacionismo Simbólico não pretendem dar conta de toda a "teoria" de Mead, mas apenas discuti-la com o propósito de aproximá-la do pensamento bakhtiniano. Nessa síntese, fica claro que tal processo exige dos organismos envolvidos uma faculdade interpretativa que lhes permita estabelecer uma relação efetiva uns com os outros e que o papel preponderante da linguagem como elemento organizador dessa dinâmica interacional.

2. LINGUAGEM, DIALOGISMO E ALTERIDADE EM BAKHTIN

É justamente a linguagem que serve de palco para que Bakhtin construa sua teoria, opondo-se ao "objetivismo abstrato", bem como a uma espécie de "subjetivismo individualista" ligado à idéia de uma enunciação monológica. Há, no pensamento do autor, um "pensar relacional" (STAM, 1992, p. 62), mas as relações em questão já não fazem parte de um sistema estrutural ou funcional fechado. Stam (1992, p.31) afirma que, para o filósofo russo, a linguagem é inerentemente anarquizante e contra a sistematização rígida. Cada palavra ou cada gesto, retomando a noção apresentada por Mead, transforma-se numa espécie de arena de competição das chamadas entonações sociais.

A noção de linguagem apresentada por Bakhtin não se revela ordenada ou nítida, mas antes, complexa e confusa. A percepção da linguagem a partir de seu caráter histórico e social explicita que não há palavras na língua que sejam "neutras", livres das aspirações e da avaliação de outrem ou inabitadas pela voz da alteridade. De fato, a linguagem não é forjada em razão de nossa subjetividade individual; ela constitui uma herança que recebemos do Outro, marcada pela utilização que a alteridade fez dela. O ato de comunicar exigiria, portanto, a existência de uma língua comum e a uma tomada de posição, um lugar em relação às palavras desse Outro.

Para Bakhtin (in STAM, 1992), a consciência só existe à medida que se concretiza através de algum tipo de material semiótico, seja sob a forma de "discurso interno", seja no processo de interação verbal com os outros. Portanto, ele descentraliza a consciência individual, afirmando

que os signos podem apenas emergir em território interindividual. Stam (1992) diz que, provocativamente, o pensador afirma que a consciência seria uma forma de ficção, existindo somente como uma construção semiótica, o que viria ressaltar seu status de fato objetivo e de força social. Essa construção semiótica – ou simbólica, se quisermos novamente relacioná-la à proposta interacionista de Mead – seria o que o pensador russo chama de discurso interno que “uma vez traduzido para o discurso externo, atua sobre o mundo” (STAM, 1992, p. 33).

A realidade da linguagem, para Bakhtin, não se encontra nas formas linguísticas, tampouco no enunciado monológico isolado, mas sim no evento social da interação verbal, ou seja, na ação, o que nos possibilita, novamente, estabelecer uma conexão direta com a proposta pragmática de Mead e sua ênfase nas relações e interações sociais como epicentro da comunicação. A palavra torna-se o produto da relação recíproca entre sujeito falante e receptor e releva da especificidade de ambos. Bakhtin (2004, p.112) recorre ao conceito de auditório social para justificar a influência mútua que sofrem indivíduo e sociedade no ato da comunicação:

Se (...) considerarmos não o ato físico de materialização do som, mas a materialização da palavra como signo, então a questão da propriedade tornar-se-á muito mais complexa. Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização desse signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais (...). A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação (BAKHTIN, 2004, p. 113).

O conceito de enunciação, produto de uma interação social/verbal entre duas consciências, apresenta e pressupõe, em sua concepção, a presença do outro. Sobre a relação com esse Outro, que Bakhtin chama, neste caso, de “ouvinte potencial”, o autor aponta a necessidade de distinguirmos dois pólos, dois limites dentro dos quais se realizaria a tomada da consciência e a elaboração ideológica. Ele afirma que a atividade mental oscila entre essas duas extremidades, ou seja, de um “eu” frente a um “nós”. Segundo o pensamento bakhtiniano, a personalidade que se exprime, apreendida do interior, revela-se um produto total da interação social. A atividade mental do sujeito se constituiria, portanto, num território social, fruto da interação entre o “eu” e o “nós”, permeado e determinado pela ideologia. É o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão e não o contrário.

Em um de seus primeiros textos, “O Autor e a Personagem” presente na obra “A Estética da Criação Verbal” (BAKHTIN, 2003), o filósofo desenvolve mais profundamente a relação da atividade estética com o que ele classifica como dialogismo. Tal conceito pode ser entendido como a capacidade que tem o sujeito de apreender a realidade a partir de suas relações dialógicas, que envolvem, pelo menos, o encontro de duas

consciências distintas. Apesar de concentrar-se especificamente sobre a experiência estética, Bakhtin explica que a alteridade apresenta-se pronta e que o "eu" é algo em constante formação, algo que deve ser, à deriva, se quisermos nos lembrar de Deleuze. "Assim que tento definir-me para mim mesmo (...) encontro a mim mesmo apenas nele, nesse mundo antedado, fora da minha já-presença temporal" (BAKHTIN, 2003, p. 112). Ou seja, o papel de sujeito está sempre condicionado à existência do outro.

No caso da interação verbal, por exemplo, meu léxico e minha sintaxe decorrem da consciência que tenho da capacidade linguística de meu interlocutor, como afirma Laurent Jenny (2003). A estrutura argumentativa de meu discurso responderia, assim, aos avanços e às objeções do outro que eu posso antecipar, tal como Mead já afirmara. Meu discurso não é mais uma expressão impassível e solitária de minha subjetividade, mas é construído a partir de um perpétuo diálogo, propiciando mais do que uma troca ou uma réplica, mas uma fusão entre meu discurso e o discurso da alteridade. É nesse imbricamento de sentidos que se encontra o que Bakhtin chama de realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, p. 123).

2.1 AS VOZES DA POLIFONIA

Como explica Jenny (2003), Bakhtin revelou em seu trabalho sobre a obra de Dostoiévski uma particularidade notável na obra do escritor: as personagens, em seus romances, se exprimem por meio de uma linguagem que lhes é própria, mas elas são também dotadas de uma inegável autonomia. Tal característica poderia ser, pois, deslocada para a vida social. Na verdade, ele encontra na obra do escritor russo um exemplo da importância da linguagem como palco de manifestação ideológica. Segundo Bakhtin, não há, numa obra literária, um mundo objetivo único, fruto da consciência singular e unificada do autor. É precisamente a pluralidade de consciências, cada uma em um universo diferente, mas com possibilidades iguais de manifestação, que são combinadas num evento comum – no caso, o romance – sem, no entanto, confundirem-se. A consciência da personagem aparece como uma consciência distinta, pertencente e representante de uma alteridade, não mais como objeto da consciência do autor entendido como um elemento fundador da linguagem, tal como proposto por Barthes e Foucault. A análise do discurso romanesco de Dostoiévski permite a Bakhtin desenvolver a concepção de "discurso duplamente orientado", ou seja, como explica Stam (op.cit.), "um discurso dirigido tanto para o objeto referencial da fala (...), quanto para o discurso do outro, para a fala de uma outra pessoa" (STAM, 1992, p. 40). A polifonia não designaria então e apenas uma pluralidade de vozes, mas também uma pluralidade de consciências, de universos ideológicos, inaugurando a noção de polifonia discursiva.

siva.

Isso dito, entendemos que um discurso nunca é fruto de uma única consciência, mas encontra, em sua construção, um confronto de discursos sociais mais amplos, o que permite ao autor ou interlocutor – no caso de pensarmos tal argumento aplicado à comunicação – exprimir as contradições de uma época, articuladas num contexto sócio-ideológico. É como se, nessa preferência pelo múltiplo, Bakhtin encontrasse uma maneira de entender a complexidade das relações sociais, dando ênfase ao cruzamento de ideias e de consciências.

O conceito de polifonia corresponderia à divisão do sujeito em uma multiplicidade de “mim/mins” meadianos. Num processo interativo, o indivíduo efetua um movimento de identificação com seu interlocutor, assim como o fazem também o autor e o herói/personagem apresentados por Bakhtin (2003) acerca da relação estética. Há, no self, uma necessidade de integração ao discurso, de viver o que é dito desde seu exterior, trazendo-o para o interior, o que daria lugar, então, a uma interpretação – condição da manifestação da linguagem, segundo Mead – que aconteceria a partir de seu lugar de fala/escuta. Poderíamos entender a polifonia como a inter-relação efetiva de consciências manifestas nos discursos sociais, o que nos daria margem para conectá-las ao self meadiano, permitindo estabelecer uma verdadeira interação dinâmica e constante entre indivíduos, tomada aqui, claro, em sua dimensão social.

Assim como caracterizamos o pensamento de Mead sob o viés pragmático, percebemos que as ideias de Bakhtin, ainda que fundamentais na elaboração de um método formalista de análise, propõem um entendimento da realidade social a partir de seu viés dialético, focado no aspecto comunicativo do discurso. O termo “dialogismo”, por exemplo, está intimamente relacionado à noção de diálogo e, conseqüentemente, da ideia central do pensamento dialético, no qual duas forças são tensionadas na intenção de transformarem-se em uma terceira, uma espécie de síntese das outras duas. Esse movimento não deve ser entendido como uma tentativa de apaziguamento de oposições, mas como um método reflexivo que busca compreender, a partir de seu viés marxista, as transformações da vida social e suas implicações ideológicas.

É importante reafirmarmos aqui o esforço de George Mead no que tange o entendimento da complexidade das relações sociais e reconhecemos que existe, em sua obra, um ânimo excepcional para cernir tal dinâmica. Todavia, vemos em Bakhtin elementos que, talvez por razões históricas e contextuais, o aproximam mais do método de pensamento dialético na acepção marxista do termo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hubert Hermans, professor e pesquisador holandês do campo da Psicologia Social, apresenta uma interessante proposta no que diz respeito à conjunção das ideias de Mead e de Bakhtin. Inspirado pelo pensamento pragmático norte-americano e percebendo sua confluência com a Escola Russa de Literatura, Hermans lança o conceito de self dialógico (2007), unificando assim as ideias dos respectivos pensadores e cunhando um novo termo. A contribuição de Hermans, ao que parece, busca entender as relações individuais, grupais e culturais a partir de diferentes posições do "eu" meadiano, utilizando, para tanto, a noção de dialogismo apresentada por Bakhtin. Não há, para Hermans, relação ou interação possível, sem a manifestação dialógica do self. Ai estaria, pois, o elo maior entre as ideias desses teóricos, segundo Hermans (2007).

Se tomarmos o estudo desenvolvido por Bakhtin sobre a obra de Dostoiévski (1995), veremos que nenhuma palavra é uma última palavra e que toda palavra é potencial e necessariamente carregada de diálogo, parte integrante e inseparável de todas as outras vozes. É justamente nesta confluência que poderíamos ver emergir o conceito de self meadiano, pois a única forma do indivíduo se tornar sujeito é a partir da afetação de sua conduta social em relação ao outro.

É notável percebermos que, tanto Bakhtin como Mead entendem a linguagem muito além da noção de um sistema formal de signos, assim como é também relevante o enfoque que ambos os pensadores dão ao papel da alteridade na constituição do sujeito num processo de interação e de comunicação. Há, também, nos dois autores, uma certa rejeição à proposta de teorizar sobre o comportamento humano. Suas "teorias" foram ambas introduzidas como tal por terceiros, o que nos faz pensar que tanto Mead quanto Bakhtin buscavam considerar o caráter plural e dinâmico dos sujeitos sociais e não tinham a intenção de cimentar suas reflexões em teses fechadas, permanentes ou ainda doutrinárias.

Vários paralelos poderiam ainda ser traçados a partir das ideias dos dois autores, como tentamos mostrar neste ensaio. É possível auferir a existência de múltiplas vozes ou consciências envolvidas numa situação comunicacional, manifestas tanto externa quanto internamente, sem, no entanto, apresentarem um objetivo final definido. Talvez o self, como propõe Hermans (2007), possa ser entendido como um conceito aberto e ambíguo, mas sempre evidente e verificável a partir da interação que estabelece com outros selves.

Nossa intenção, no presente ensaio, não é a de construir uma conclusão sobre os pensamentos de Mead e de Bakhtin, mas, ao contrário, o que visamos é abrir uma nova via de diálogo e possibilitar algumas reflexões sobre as contribuições propostas por ambos, estabelecendo uma relação entre suas maneiras particulares de pensarem a comunicação. Há diversos conceitos que não foram aqui explorados, mas que

poderiam ser importantes no que diz respeito à ligação intertextual proposta pelos dois pensadores. Entretanto, acreditamos que essas breves constatações sirvam como uma "introdução dialógica" a fim de refletir o campo da comunicação, nosso domínio de estudo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 1995.

FRANÇA, V. *Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.MEAD*. In: PRIMO, A. (et al). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p.71-91.

GIDDENS, A. *Sociologia*. (trad. 3ª ed.) Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1998.

HERMANS, H. *Self, Identity, and Globalization in Times of Uncertainty: A Dialogical Analysis*. *Review of General Psychology by the American Psychological Association* Volume 11(1), March. 2007, p 31-61.

JOAS, H. *George Herbert Mead: Une réévaluation contemporaine de sa pensée*. Paris : Economica, 2007.

JENNY, L. (2005). *Méthode et Problèmes*. Dialogisme et Polyphonie In :<http://www.unige.ch/lettres/framo/enseignements/methodes/dialogisme/dpinteg.html>. Consultado em 05 de maio de 2009.

MEAD, G.H. *L'Esprit, le soi et la société*. Paris: PUF, 2006.

POGREBINSCHI, T. *Pragmatismo : teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

QUERÉ, L. *D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique*. RESEAUX, n.46/47. Paris: Tekhné, mars-avril, p.69-90, 1991.

STAM, R. *Bakhtin: Da Teoria Literária à Cultura de Massa*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.